

Aluno (a): \_\_\_\_\_

Nº \_\_\_\_\_

## PROPOSTA DE REDAÇÃO – 3ª SÉRIE:

### Texto I

O primeiro semestre de 2024 foi marcado pelo aumento da incidência do fogo nos biomas brasileiros, ameaçando a sobrevivência da biodiversidade e a vida de povos indígenas e populações tradicionais. O país apresentou o maior número de focos de calor para os primeiros meses do ano desde 2004, e nesse cenário, o Pantanal e a Amazônia tiveram destaque. (...) Os dados do sistema ALARMES (alertas em tempo quase-real) mostram que, no período de 01 de janeiro a 30 de junho de 2024, as áreas afetadas pelo fogo, em comparação aos anos anteriores, tiveram um aumento significativo, considerado até agora um dos mais severos das últimas décadas. Nesse período, o fogo no bioma consumiu 695 mil hectares de vegetação, o equivalente a mais de 900 mil campos de futebol, ultrapassando em mais de 2,5 vezes os dados de 2020 para o mesmo período, que foram de 265 mil hectares de vegetação. Vários fatores contribuem para este aumento: a região está mais seca, o que está intimamente relacionado às mudanças climáticas, já que parte da água do bioma vem da região Norte do país e também é produzida pela floresta. (...) Temperaturas recordes também foram registradas no mesmo período, contribuindo para a diminuição da chuva e deixando a vegetação do bioma mais seca. Segundo levantamento publicado pelo MapBiomas Águas, o Pantanal foi o bioma que mais secou entre 1985 e 2023. (...) Os rios não atingiram a cota de inundação e a maior planície interior úmida do planeta se tornou uma espécie de tocha gigante, pronta para ser queimada, já que o material orgânico seco deste bioma pantanoso é altamente inflamável. Todo esse cenário é mais favorável à incidência do fogo. (...) Onde há fogo, há alguém que lucra enquanto a sociedade e a biodiversidade pagam a conta. (...) O fogo não começa sozinho, ele comumente se inicia em alguma fazenda, quando a queima de uma pastagem ou desmatamento sai do controle. Por outro lado, não há rigor por parte do governo federal para punir os responsáveis pelos incêndios criminosos. Não adianta apenas multar quem incendeia o bioma – também é necessário fiscalizar se houve o pagamento da multa, o que não ocorre na maioria dos casos. É preciso acabar com o sentimento de impunidade que gera uma licença para desmatar e queimar nossos biomas para criar gado e plantar soja. Além disso, é necessário interromper com o financiamento de atividades que colocam em risco o meio ambiente, o clima, a saúde pública e a chance de sobrevivência de milhares de animais e plantas. A certeza da impunidade gera mais destruição!

Fonte: Greenpeace

### Texto II

Houve um tempo em que a sua realidade, dentro de casa, na cidade, parecia pouco ou nada influenciada pelo que acontecia a milhares de quilômetros com uma espécie animal em perigo de extinção. (...) Estudos vêm apontando para a relação entre a atividade humana, a queda da biodiversidade no planeta e o surgimento de novos surtos e doenças. Essa é uma das hipóteses mais aceitas para a origem da Covid-19, na China. Assim, a queda da biodiversidade em escala global e o avanço da presença humana em áreas em equilíbrio estariam colocando não apenas fauna e flora em perigo, como também o ser humano. O problema fica mais claro quando se olha para os dados mais recentes sobre a diminuição do número de espécies e o avanço do desmatamento.

Fonte: Associação dos Servidores do INMETRO-SI

### Texto III

#### **Precisamos falar sobre o Cerrado**

Artigo de Opinião

A opinião pública sobre a importância das florestas tropicais vem sendo construída há bastante tempo. Não à toa: são belas, exuberantes, biodiversas e importantes para a regulação do clima na Terra; ninguém ousa dizer o contrário. Já o Cerrado, aquela vegetação aberta e baixa, com árvores retorcidas, que esconde sua grandiosidade embaixo da terra com suas raízes profundas, é desvalorizado pela opinião pública. Outros biomas não-florestais, como o Pampa e a Caatinga, também sofrem essa discriminação. Tal invisibilidade tem contribuído para que o Cerrado venha apresentando, nos últimos três anos, desmatamento a uma velocidade cinco vezes maior que da Amazônia, restando hoje apenas cerca de metade de sua área original, segundo dados do Ministério do Meio Ambiente.

O Cerrado é hoje considerado a última fronteira agrícola do país. É para onde o agronegócio tem se voltado uma vez que a opinião pública se mostra menos preocupada com a nossa savana do que com a Amazônia. E ele é

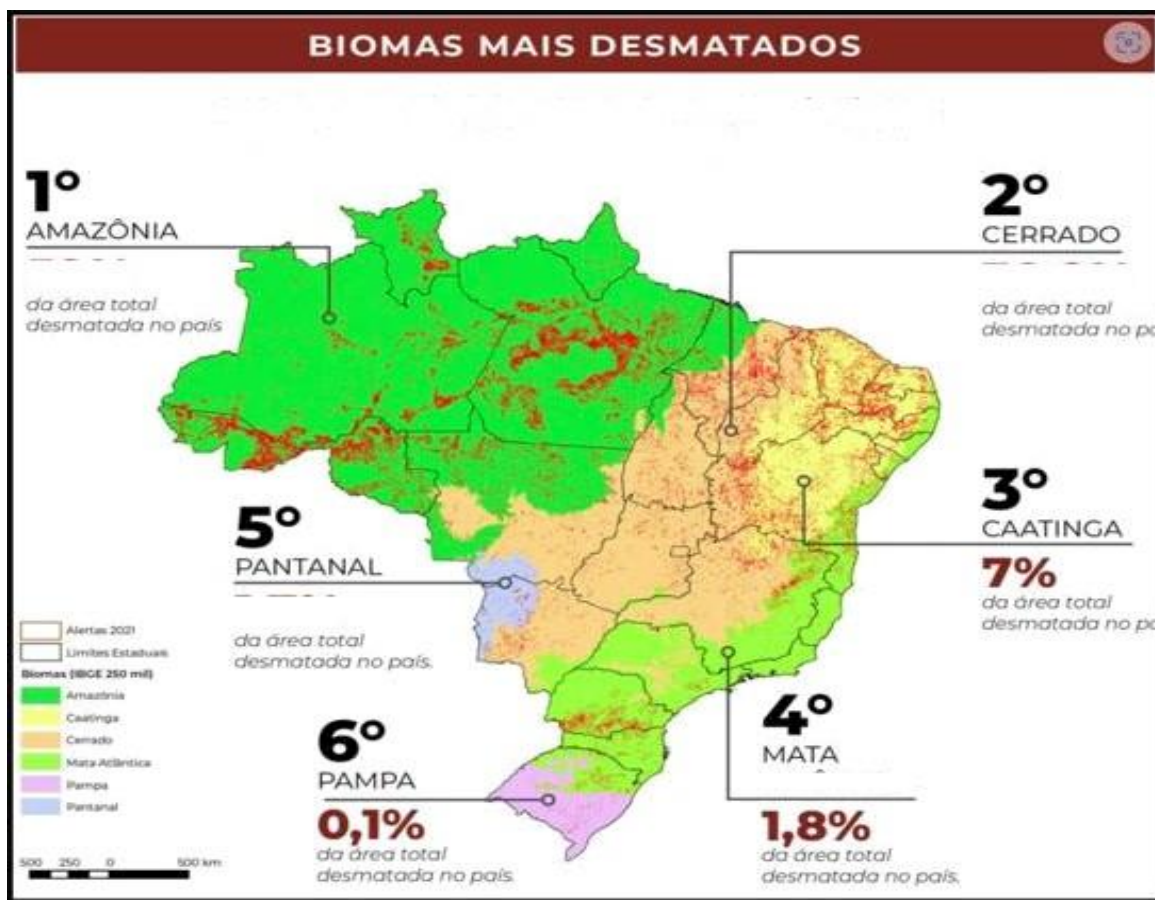
o principal responsável pelo desmatamento no Cerrado. Mas quais são as reais consequências desse desmatamento?

A mudança no ciclo da água é a primeira delas. Diversas regiões do Brasil passaram por gravíssimas crises hídricas nos últimos anos. Muito se fala sobre escassez de chuvas, mas pouco se fala sobre os efeitos causados pelo desmatamento do Cerrado. Sem a cobertura de vegetação do Cerrado, o regime de evapotranspiração e infiltração de água são alterados, comprometendo o reabastecimento dos mananciais e afetando a disponibilidade de chuvas. O bioma é responsável por abrigar e abastecer três das principais bacias hidrográficas do país - Tocantins-Araguaia, São Francisco e Paraná - e cobre os três maiores aquíferos que alimentam nosso continente: Guarani, Bambuí e Uruçuia.

[...] Muitos desmerecem o papel do Cerrado na fixação de carbono, mas trata-se de um equívoco. Grande parte da biomassa do Cerrado não é visível como a das florestas tropicais, pois está abaixo do solo. Além disso, há uma enorme quantidade de carbono armazenada no solo do Cerrado. Entendendo isso, o governo brasileiro, durante a COP15 em Copenhague, se comprometeu com metas voluntárias de redução de emissões de carbono por meio da redução do desmatamento do Cerrado. No entanto, pouco tem sido feito para que essas metas sejam atingidas. Pelo contrário, nos últimos anos, com incentivos do governo, imensas áreas de Cerrado tem sido convertidas em monoculturas, aumentando muito as emissões brasileiras, causando escassez d'água, ameaças à biodiversidade e às comunidades locais. Por que aceitamos essa contradição? [...]

Fonte: Brasil de Fato

#### Texto IV



Fonte: Eco Nordeste – Agência de Conteúdo

#### Texto V

##### O Cio da Terra

Milton Nascimento e Chico Buarque

Debulhar o trigo  
 Recolher cada bago do trigo  
 Forjar no trigo o milagre do pão  
 E se fartar de pão

Decepar a cana  
 Recolher a garapa da cana  
 Roubar da cana a doçura do mel

Se lambuzar de mel

Afagar a terra  
Conhecer os desejos da terra  
Cio da terra, a propícia estação  
E fecundar o chão

Fonte: Vagalume

## **Texto VI - O princípio responsabilidade em Hans Jonas como proposta de ética para uma sociedade sustentável**

### **A heurística do temor**

Hans Jonas parte da constatação de que sabemos valorizar dialeticamente a vida como algo sagrado na medida em que conhecemos o que é sua aniquilação. Por exemplo, só reconhecemos a sacralidade da vida porque há assassinatos e, por meio do mandamento “não matarás”, revela-se a vida como condição sagrada a ser preservada. Semelhantemente, só valorizamos a verdade porque há a mentira, só damos importância à liberdade se houver a ausência dela, como quando ficamos presos a um leito de hospital ou nos imaginamos em uma prisão (Jonas, 2006, p. 70). Ou seja, a perda de algo ou a mera representação de sua perda, provoca invariavelmente uma valorização do mesmo objeto em questão. Tais privações, reais ou fictícias (representações de privações), podem ter um efeito positivo sobre nossa disposição e sobre o nosso agir.

Por meio dessa perspectiva, Jonas entende que é possível que a previsão – não espontânea, mas intencional – de uma deformação do humano e da natureza possa contribuir para a preservação da humanidade e da natureza que queremos.

(...) assim também, em nosso caso, na busca de uma ética da responsabilidade a longo prazo, cuja presença ainda não se detecta no plano real, nos auxilia antes de tudo a previsão de uma deformação do homem, que nos revela aquilo que queremos preservar no conceito de homem. Precisamos da ameaça à imagem humana – e de tipos de ameaça bem determinados – para, com o pavor gerado, afirmarmos uma imagem humana autêntica (Jonas, 2006, p. 70).

Desse modo, a heurística do medo, de Jonas, funciona como um atalho mental na tomada de decisões. Diante do reconhecimento ou emprego de juízo de valor de algo sendo bom ou mau, é muito mais fácil discernir aquilo que é mau. Trata-se de uma valoração mais imediata, mais urgente, bem menos passível de diferenças de opinião; mais que isso, ele não precisa ser procurado, é facilmente reconhecido: simplesmente, o mal nos impõe a sua existência, a sua presença como algo instantaneamente negado, enquanto o bem pode se fazer presente discretamente, sem ser, muitas vezes, notado, e continuar desconhecido, destituído de reflexão (Jonas, 2006, p. 71).

Segundo Hans Jonas, é justamente a partir desta certeza que temos do mal que queremos evitar e a imprecisão e incerteza do bem que queremos (pois, sobre isso há muita discordância), que devemos delimitar o campo do exercício de nossa ação. Nisto consiste a heurística do medo (ou do temor): “O que nós não queremos, sabemos muito antes do que aquilo que queremos. Por isso, para investigar o que realmente valorizamos, a filosofia moral tem de consultar o nosso medo antes do nosso desejo” (Jonas, 2006, p. 71). Ou seja, sabemos muito bem o que queremos que não nos aconteça ou, simplesmente, temos consciência imediata sobre o que não queremos. Já para definir aquilo que queremos, talvez precisemos de muito mais tempo.

O mal vislumbrado nas consequências futuras de nossas opções e ações deveria servir de contraponto ao agir concreto aqui e agora. Esse mal imaginado, vislumbrado, deve assumir um caráter de mal experimentado. Eis o que o temor pode, segundo Jonas, oferecer enquanto princípio heurístico:

(...) o medo está presente na questão original, com a qual podemos imaginar que se inicie qualquer responsabilidade ativa: o que pode acontecer a ele, se eu não assumir a responsabilidade por ele? Quanto mais obscura a resposta, maior se delinea a responsabilidade. (...) A teoria da ética precisa tanto da representação do mal quanto da representação do bem, e mais ainda quando este último se tornou tão borrado ao nosso olhar, necessitando ser ameaçado pela antevisão de novos males, para ganhar alguma nitidez (Jonas, 2006, p. 352).

Sumariamente e de forma prática, o primeiro dever da ética do futuro é: vislumbrar os efeitos de longo prazo de nossas ações. Pensar sobre as consequências da técnica, como de qualquer outra forma de ação humana, não apenas para o presente e sim considerando fundamentalmente o futuro, reformulando, finalmente, a ética.

A responsabilidade para Jonas, portanto, é compreendida como o princípio da ação humana que se projeta tanto no presente quanto no futuro. Segundo o contexto da sociedade tecnológica e seus problemas éticos, trata-se da doutrina moral diretamente incorporada ao processo tecnocientífico e em sentido de “poder como dever”. O filósofo esclarece: “A responsabilidade é o cuidado reconhecido como obrigação em relação a um outro ser, que se torna ‘preocupação’ quando há uma ameaça à sua vulnerabilidade” (Jonas, 2006, p. 352).

Diante daquilo que é incerto e da ameaça que configura a tecnologia, a resposta que Jonas oferece é sempre precaução e cautela, pois, para ele, a ação deve ser medida em função dos seus piores prognósticos. Conside-

rando as possibilidades de riscos e danos irremediáveis, inclusive para as gerações futuras, sua proposta é uma abordagem extremamente cuidadosa na avaliação das situações (Alencastro, 2009, p. 21). De modo conservador, a possibilidade escolhida é a ocorrência das piores situações, ou seja, “o saber origina-se daquilo contra o que devemos nos proteger” (Jonas, 2006, p. 71).

*Fonte: Revista da Universidade Federal do Paraná*

**Texto VII - PXS recomenda: Pantanal Somos Todos Nós: Tetê Espíndola lança versão de "Adeus, Pantanal"**



**PROPOSTA DE REDAÇÃO:** A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema: **“Desafios para conter a destruição dos biomas brasileiros”**. Apresente proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

#### **INSTRUÇÕES PARA A REDAÇÃO**

1. O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
2. O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
3. A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.
4. **Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:**
  - 4.1. Tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo consideradas “texto insuficiente”.
  - 4.2. Fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
  - 4.3. Apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.